

# Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro\*

João Baptista Ferreira de Mello\*\*

O Rio de Janeiro é uma cidade plena de centralidades construídas, eleitas ou adotadas pelos indivíduos e grupos sociais (bem como outros agentes). Mas, o que é centralidade, um lugar central? O fenômeno da centralidade assume as mais diversas nuances, em diferentes escalas. Uma cabine telefônica, um cinema, um templo ou o endereço domiciliar são lugares centrais porque atraem usuários e irradiam idéias e significados. Em outro extremo, a cidade, a região, a pátria ou até mesmo o Planeta Terra - nestes tempos de consciência ecológica - podem adquirir simbolicamente o status de lugares centrais. Alguns desses exemplos são corriqueiros e, certamente, irritam os positivistas, que em suas pesquisas, de um modo geral, focalizam centralidades tradicionais e grandes quadros distantes do mundo vivido do dia-a-dia. No entanto, convém reafirmar, outros tipos de centralidades eclodem cotidianamente em meio a ordem e a desordem. Por conseguinte, os lugares centrais não estão restritos às correntes teóricas ou leis e conceitos emitidos pela célebre Escola de Ecologia Humana de Chicago, ou ainda, pela Teoria dos Lugares Centrais escrita por Walter Christaller, nos anos trinta, e, como se sabe, amplamente utilizados pela geografia<sup>1</sup>.

Os geógrafos conceituam um lugar central a partir de aspectos que o difere dos demais por ser um ponto de concentração, receptor

e/ou emissor de fluxos comerciais, financeiros, sociais, administrativos, etc<sup>2</sup>. A centralidade, sob este prisma, é também considerada em decorrência das interações entre os lugares centrais e suas respectivas áreas de influência. Afora esta tendência, vale lembrar que a corrente humanística na geografia aprecia a questão etnocêntrica como uma noção concernente aos lugares centrais<sup>3</sup>. No entanto, o fenômeno da centralidade não se encerra neste círculo, pois uma pluralidade de perspectivas, sobre o assunto, merece ser analisada pela ciência espacial, a despeito da dificuldade em ordenar toda uma complexa gama de centralidades que se entrelaçam ou ocorrem isoladamente.

Esta pesquisa procura apresentar um conjunto de centralidades consagradas nos estudos geográficos, afora outros tipos de centralidades que se apresentam trivial geográfico, ou de maneira inusitada ou ainda simbolicamente eternizadas na memória.

O mosaico definitivo de centralidades ostenta como perfis, de um lado, o eixo denominado "Explosões de Centralidades" do qual fazem parte os seguintes sub-eixos:

- No coração do mundo;
- Centralidades tradicionais;
- "Desagrega-se tudo; o centro não segura";
- Centralidades permanentemente rotativas;
- Centralidades contrastantes;

\* Texto inédito. Uma primeira parte deste artigo foi publicada com o mesmo título na revista Espaço e Cultura, nº 1, 1995, NEPEC/UERJ.

\*\* Professor Assistente do Departamento de Geografia e Doutorando da UFRJ.

1 Ver a respeito, entre outros, DUARTE (1974) e CORRÊA(1988).

2 DUARTE, 1974; 53-55.

3 Por exemplo, TUAN(1980; 1983).

- Centralidades e confinamento;
- Centralidades marginais;
- Centralidades metamorfoseadas;
- Centralidades eternas.

O outro grupo, “Estilhaços de Centralidades”, contém os seguintes subgrupos:

- Centralidades embrionárias;
- Centralidades esporádicas;
- Centralidades erradicadas;
- Centralidades culturais;
- Centralidades esportivas;
- Centralidades religiosas;
- Centralidades imortalizadas na memória.

EXPLOSÕES E ESTILHAÇOS DE CENTRALIDADES	
As Explosões de Centralidades	Os Estilhaços de Centralidades
No coração do mundo	Centralidades Embrionárias
Centralidades Tradicionais	Centralidades Esporádicas
“Desagrega-se tudo; o centro não segura”	Centralidades Erradicadas
Centralidades Permanentemente Rotativas	Centralidades Culturais
Centralidades Contrastantes	Centralidades Esportivas
Centralidades e Confinamento	Centralidades Religiosas
Centralidades Marginais	Centralidades Imortalizadas na Memória
Centralidades Metaforseadas	
Centralidades Eternas	

## EXPLOSÕES E ESTILHAÇOS DE CENTRALIDADES

De que maneira pode-se distinguir uma explosão de um estilhaço de centralidade? As concepções podem ser diversas. Adotou-se como procedimento para a arrumação das centralidades tanto aquelas atinentes ao sentimento como “No Coração do Mundo”, bem como as “Centralidades Tradicionais” que podem ser dispostas no grupo “Explosões de Centralidades”. Neste caso, as “Centralidades Metamorfoseadas” seriam analisadas como explosões ou estilhaços? Quanto aos “Estilhaços de Centralidades”, entendeu-se que integram este conjunto as centralidades nascentes, bem como aquelas que ocorrem de quando em quando ou evidentemente as extintas. As centralidades ligadas à vida cultural, esportiva ou religiosa poderiam ser igualmente consideradas no perfil anterior. No entanto, como estas centralidades estão sendo examinadas isoladamente resolveu-se analisá-las no grupo dos “Estilhaços de Centralidades”. Deste elenco de centralidades apresentadas no Quadro I foram selecionadas algumas que serão analisadas a seguir.

## AS EXPLOSÕES DE CENTRALIDADES

Neste eixo a primeira centralidade a ser analisada intitula-se “No Coração do Mundo”. Sua escolha prende-se ao fato de que o sentimento concernente ao etnocentrismo é universal - seja no âmbito das sociedades simples ou complexas - e precede a outras centralidades. A seguir são arroladas as “Centralidades Tradicionais”, relativas ao policentrismo, fenômeno comum em metrópoles como o Rio de Janeiro. O conceito “Desagrega-se tudo; o Centro não segura” é por si só uma conseqüência das dimensões assumidas pelas cidades nos dias de hoje. Em meio à mixórdia e às mudanças de costumes as “Centralidades Marginais” e as “Centralidades Metamorfoseadas” se inserem nos novos contextos do espaço urbano metropolitano. Há, contudo, lugares que se apresentam como “Centralidades Eternas”, tal o vigor exibido ao longo dos tempos.

### • NO CORAÇÃO DO MUNDO

O centro pode ser tão somente um conceito elaborado pelo pensamento, e outrossim, o lugar como o “umbigo” do mundo. Comumente, “as pessoas tendem a entender o canto do mundo no qual habitam como o único favorável e os

seus costumes e hábitos como a quinta-essência humana.”<sup>4</sup> Assim sendo, o que está distante do seu lugar vivido tem pouco ou nenhum valor. Essa alegoria, com elementos positivos e negativos, faz parte da vida dos povos letrados e ágrafos. A China, por exemplo, é o império do centro. Um outro exemplo concernente à questão etnocêntrica diz respeito aos esquimós que em seus primeiros contatos com os brancos julgaram que estes foram aprender virtudes e boas maneiras com eles<sup>5</sup>.

O etnocentrismo é um fenômeno universal de supervalorização do “centro”, “umbigo”, “mais saudável” ou “melhor lugar do mundo” e pode ser também compreendido como egocentrismo coletivo<sup>6</sup>. As pessoas do “centro” estabelecem discriminação entre “nós” (“superiores”) e “eles” (“de menor valor”, “de cultura inferior”) olhando para estes de forma “blasé” e, por vezes, com apatia, sarcasmo e agressividade.

Como referido anteriormente, a pátria, a cidade ou o lugar vivido de moradia podem ser o centro do mundo. O primeiro sentimento pode ser contemplado na época de certames internacionais quando o patriotismo aflora com grande intensidade. Em outra escala simbólica, o posicionamento etnocêntrico encontra-se evidenciado metaforicamente. Uma ilustração significativa remete-se ao Rio de Janeiro na marchinha “Cidade Maravilhosa” na qual o compositor André Filho declara: “Cidade Maravilhosa/coração do meu Brasil...”<sup>7</sup>. Quanto aos lugares vividos de moradia, trabalho, lazer e aqueles percorridos para se chegar aos pontos desejados, há uma identidade muito forte em consequência dos laços de afinidade trançados nesses centros de significância explorados com desenvoltura, onde

muitos se conhecem e, por isso mesmo, se familiarizam. Desta maneira, os lugares vividos (diretamente), impregnados de experiência do passado e do presente, resumem as qualidades imprescindíveis para o desenrolar das atividades cotidianas.

#### ● CENTRALIDADES TRADICIONAIS

A Área Central das cidades e a descentralização das atividades manufatureiras, de um lado, e terciárias, de outro, constituem-se no foco principal dos estudiosos a propósito da problemática dos lugares centrais no espaço urbano.

Os centros das grandes cidades são limitadas e privilegiadas áreas notabilizadas pela verticalização onde avultam “as principais atividades comerciais, de serviços, de gestão público e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos”<sup>8</sup>. Quanto à descentralização, a gênese desse processo está condicionada, entre outros fatores, aos crescimentos espacial e demográfico da cidade aliado às facilidades de transporte, infra-estrutura implantada, qualidades atrativas do sítio e amenidades<sup>9</sup>.

No Rio de Janeiro o fenômeno da descentralização não é muito recente, pois enquanto a cidade permaneceu acanhada, atividades como as dos ramos manufatureiro e fabril encontravam-se na área onde hoje situa-se o centro do Rio de Janeiro. Todavia, o processo de descentralização dos estabelecimentos industriais “começou a delinear-se ainda no final do século passado”<sup>10</sup> dirigindo-se para São Cristóvão, bairro que abrigara a nobreza até 1889 e, por isso mesmo, com infra-estrutura urbanística para o desenrolar das atividades industriais. Outras fábricas localizaram-se, contudo, nos bairros de Vila Isabel, Tijuca, Andaraí, Laranjeiras e Jardim Botânico<sup>11</sup>.

4 TUAN(1986: 3).

5 TUAN(1980: 39).

6 TUAN( 1980: 34-42).

7 “Cidade Maravilhosa”, de André Filho, lançada em 1934 pela cantora Aurora Miranda.

8 CORRÊA(1989: 38).

9 CORRÊA, (1989: 46)

10 CARDOSO(1986: 21).

11 CARDOSO (1986: 21).

No tocante à função residencial, as diversas reformas urbanas acontecidas na Área Central - Reforma Passos, no início do século, demolição do morro do Castelo em 1920, abertura da avenida Presidente Vargas em 1944, para citar apenas algumas - estimularam o assentamento das classes sociais em lugares distintos da cidade. No século passado, os trens e os bondes<sup>12</sup> encarregaram-se de iniciar esse processo residencial segregacionista na cidade conduzindo, respectivamente, as pessoas de baixa renda para os subúrbios nascentes e as de classes abastadas para o Catete e Botafogo, por exemplo. Todavia, o surgimento de favelas, salpicadas por toda cidade, contribuiu para promover uma certa desordem na organização do espaço urbano carioca.

Nos dias de hoje, mesmo no núcleo central da cidade e seu entorno periférico, a ordem não reina absoluta. Os prédios estão dispostos em certos segmentos facilmente mapeáveis, a saber: centro financeiro (avenida Rio Branco e adjacências), centro histórico (praça XV), centro cultural (Cinelândia), centro comercial popular (áreas do SAARA, SARCA), centro administrativo (Cidade Nova), área residencial (bairros periféricos ao núcleo central), área portuária (Praça Mauá e cercanias); mas a cidade é muito mais do que asfalto, vidro, tijolo e aço. A poluição, o caos do trânsito, a sujeira nas ruas, os ruídos, a violência, os assaltos, a prostituição, os bêbados, os drogados, os "flanelinhas", os pedintes, a população sem teto são problemas do cotidiano urbano e, portanto, afetam a todos.

O espaço coletivo da Área Central é também, mais do que qualquer outra porção da cidade, o lugar de moradia dos desvalidos, a chamada população de rua. São, em geral, como diz o texto da "Campanha da Fraternidade" da CNBB, de 1995, os

*"excluídos de múltiplas formas: porque são pobres, porque não têm saúde, porque inspiram medo, porque "enfeiam" a cidade, porque sua moral é considerada "duvidosa"... . Frequentemente - prossegue o texto - há quem se queixe porque estão ocupando um "lugar público", mas, na verdade, seu espaço é lugar nenhum. Por isso sofrem violência policial, frio etc.; quando morrem são enterrados como indigentes."*<sup>13</sup>

Em meio a toda essa sucessão de problemas onde estaria a organização espacial, apenas na arrumação, beleza estética e destinação dos prédios?

No tocante à descentralização das atividades terciárias e, mais particularmente, no que concerne às atividades culturais, o urbanista Manuel Castells assinala que a "a localização dos teatros e salas de espetáculos tende a seguir a direção da dispersão residencial no conjunto da aglomeração e esta descentralização está sujeita ao desenvolvimento do transporte e a estratificação residencial porém, o centro mantém espetáculos do tipo 'vida noturna'"<sup>14</sup>. No caso específico do Rio de Janeiro, a Área Central permanece detendo diversas casas de espetáculos. No entanto, o centro do Rio de Janeiro tornou-se - ainda que comportando outras funções - basicamente centro financeiro e de gestão de empresas com filiais na cidade, em sua hinterlândia e por todo o país convertendo-se "na zona de intercâmbio e coordenação das atividades descentralizadas"<sup>15</sup>, como escreve Castells recorrendo à perspectiva da ecologia urbana.

A descentralização, por conseguinte, não esvazia o centro da cidade, apenas modifica o seu papel, minimizando o peso da variada carga da oferta e da demanda de funções. Desse modo, o

12 Ver, entre outros, ABREU(1987).

13 CNBB - Campanha da Fraternidade. "Eras Tú, Senhor?". Texto-base (1995: 16).

14 CASTELLS (1983: 89).

15 CASTELLS (1983: 89).

aparecimento de centralidades como os subcentros facilita a vida das pessoas ao oferecer as condições necessárias para compra, troca, venda e obtenção de bens e serviços nos subcentros próximos aos lugares vividos de moradia, trabalho e lazer, que atendem às suas respectivas áreas de mercado compostas por bairros das redondezas. No Rio de Janeiro os exemplos mais notórios de centralidades desse porte são: Copacabana e Ipanema (Zona Sul), Tijuca (na Zona Norte), Méier e Madureira (subúrbios localizados ao longo da estrada de ferro Central do Brasil), Bonsucesso (nas margens da estrada de ferro Leopoldina), Campo Grande (na Zona Oeste) e, mais recentemente, os shopping centers, como o Barra Shopping, situado no bairro nobre da Barra da Tijuca (no litoral da Zona Oeste).

### ● “DESAGREGA-SE TUDO; O CENTRO NÃO SEGURA”

O título acima toma por empréstimo os versos de W. B. Yeats, anteriormente utilizados nas obras de Monteiro (1988) e Harvey (1993), com referência à extrema fragmentação do século atual<sup>16</sup>. Monteiro, ao falar de “mundo em desagregação. Geografias desagregativas”<sup>17</sup>, lembra que o poema de Yeats foi publicado em 1919. Já David Harvey, em seu quadro sobre as “diferenças esquemáticas entre modernismo e pós-modernismo”, sustenta, entre vários outros itens, que o modernismo era caracterizado pela concentração (sic), enquanto que a pós-modernidade distingue-se pela dispersão<sup>18</sup>.

O marco temporal da pós-modernidade é um assunto contraditório no seio das filosofias ou das ciências. O antropólogo Jair Ferreira dos Santos, um dos teóricos da pós-modernidade, afirma que as mudanças do pós-guerra demarcaram

uma nova era<sup>19</sup>. Geógrafos, como David Harvey, frisam que no tocante à arquitetura “Charles Jencks data o final simbólico do modernismo e a passagem para o pós-moderno” às “quinze horas e trinta e dois minutos de quinze de julho de mil novecentos e setenta e dois, quando um prédio que representava o modernismo foi implodido por ser “um ambiente inabitável para as pessoas de baixa renda que abrigava”<sup>20</sup>.

No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, pode-se dizer que o fenômeno da descentralização (tradicional) não é - sob a ótica do modernismo ou da pós-modernidade - um processo recente. A literatura e a música popular, por exemplo, registram diversos aspectos concernentes ao exórdio ou esplendor deste ou daquele subcentro. Afora isso, as últimas décadas deste milênio apontam para uma avassaladora onda de segmentação e forte efemeridade, pois “o centro não sustenta” toda carga de continuidade/concentração em meio a um turbilhão de inovações, novos sentidos da arte, dos hábitos, a correria do dia-a-dia, ou o espraiamento acentuado da cidade, como a metrópole carioca, destinada a receber intensas correntes migratórias. Como resultado, o centro do Rio de Janeiro hoje não se constitui no ponto de referência primordial para a maioria de sua população que pode oferecer ou buscar os bens e serviços necessários ao desenrolar da vida nos sub-centros espalhados pela cidade. Consideremos, no bojo deste raciocínio, as palavras do renomado ator Tarcísio Meira concedidas a um jornal carioca: “Raramente vou ao centro da cidade ou Copacabana, só quando tem gravação”<sup>21</sup>. Morador da Joatinga, nobilíssimo bairro situado nas encostas das montanhas de São Conrado e da Barra da Tijuca, Meira, envolvido com as gravações de telenovelas, desloca-se

16 MONTEIRO (1988: 128) & HARVEY (1993: 32).

17 MONTEIRO (1988: 132)

18 HARVEY (1993: 45).

19 SANTOS, Jair Ferreira (1988).

20 HARVEY (1993: 45).

21 ARRUDA, Lilian. “A face ressentida de um herói nacional”. *O Globo*. Revista da Tevê, p. 10-11.

normalmente para este ou aquele ponto escalado para as cenas da novela. O artista em destaque acentua também que frequenta uma academia de ginástica situada na Barra da Tijuca. Assim procedem igualmente as pessoas que residem distante do Centro, até porque trabalham, estudam ou se divertem, enfim desenvolvem toda uma teia de relações nas cercanias do lugar vivido de moradia.

Uma outra passagem ilustrada pela história do carnaval do Rio de Janeiro é, do mesmo modo, de fundamental relevância para a compreensão das “geografias desagregativas”, notadamente no que tange à Área Central, entendendo-se o centro como o ponto para onde as coisas deveriam convergir. A avenida Rio Branco, principal artéria da Área Central do Rio de Janeiro, foi, durante várias décadas, “o ponto máximo do carnaval carioca”, como afirmava a imprensa do país. A outrora avenida Central dividia com sua transversal, a avenida Presidente Vargas, a primazia dos desfiles de ranchos, grandes sociedades e escolas de samba. No entanto, a transferência, nos anos oitenta, do “maior espetáculo da Terra” para a rua Marquês de Sapucaí, a chamada Passarela do Samba, - entre outros fatores - provocou o esvaziamento acelerado do carnaval das avenidas em questão. Conseqüentemente, em 1995, a avenida Rio Branco, pela primeira vez, desde sua inauguração no início do século, deixou de receber, nos festejos momescos, os enfeites luminosos e a apreciada decoração carnavalesca de cada ano. Relegado a um segundo plano, este logradouro passou a ser um pálido arremedo da outrora carnavalesca avenida Central de blocos de sujos, empurra-empurra, foliões fantasiados, concursos e brincadeiras entre brasileiros e turistas.

O carnaval de rua hodiernamente acontece no “Sambódromo” (na periferia da Área Central), junto a um ou outro coreto dos subúrbios cariocas ou ainda sob o comando das bandas que proliferam sobretudo na Zona Sul da cidade.

## ● CENTRALIDADES MARGINAIS

A geografia tem se dedicado, nos últimos tempos, a pesquisar territorialidades de fenômenos do terciário informal como a prostituição de rua e o narcotráfico<sup>22</sup>. No âmbito deste texto, contudo, esses temários são abordados sob o prisma da centralidade, justificando-se que esses aspectos da realidade abrigam um expressivo contingente de pessoas e, ao mesmo tempo, transformam os seus espaços de atuação em pontos centrais atraindo consumidores dos mais diversos lugares e classes sociais.

Os pontos centrais da prostituição de rua encontram-se dispersos, sem subterfúgios, por vários locais do Rio de Janeiro, a despeito da ordem que a repressão policial tenta imprimir. Neste sentido é interessante mencionar o mapeamento realizado pelos geógrafos MATTOS & RIBEIRO<sup>23</sup> no que concerne tão somente à prostituição de rua exercida nos espaços coletivos da Área Central do Rio de Janeiro, cujas áreas catalogadas variaram da prostituição feminina à prostituição masculina (de “garotos de programa” e de “travestis”). De acordo com o referido trabalho, os locais preferencialmente dominados pelos prostitutas de ambos os sexos são, em sua maioria, pontos de convergência de ruas e praças, junto a terminais de transportes, como a praça Mauá, onde predomina a prostituição feminina, ou a Cinelândia, centro cultural (extensão do centro financeiro), onde a prostituição masculina (de “garotos de programa”) se sobressai em seus principais logradouros, cabendo à prostituição feminina algumas ruas periféricas como Senador Dantas e Marrecas. Diante dessa organização espacial poderia se dizer que existe ordem na prostituição de rua. No entanto, os prostitutas de ambos os sexos, ainda que não totalmente integrados, “fazem vida”, lado a lado, na área popularmente denominada de Central do Brasil, um concorrido terminal metro-rodoviário. Isto posto indica que a prostituição

22 Por exemplo: MATTOS & RIBEIRO, mimeo, (1992) e SOUZA, mimeo, (1994).

23 MATTOS & RIBEIRO, mimeo, (1995).

da praça Mauá, da Cinelândia e da Central do Brasil aproveita o movimento diurno-noturno desses pontos centrais da cidade para garantir a clientela em trânsito e legitimar sua centralidade. Entretanto, há prostitutas que buscam, na calada da noite, lugares de pouco movimento cultural ou de pedestres para colocar em exposição seus corpos, na busca de clientes motorizados, o que ocorre com os “garotos de programa” no Castelo ou com os “travestis”, na avenida Augusto Severo / praça Paris, no bairro da Glória, vizinho da Cinelândia.

Por outro lado, as centralidades desempenhadas pelo narcotráfico mobilizam um fabuloso exército de componentes e um poder que estarece a opinião pública. Com efeito, essas centralidades (marginais) estão circunscritas aos “territórios independentes”, como aqueles apropriados pelos narcotraficantes. No Rio de Janeiro esses territórios são estrategicamente formalizados nas encostas dos morros, como pode ser apreendido nos versos do samba “Estação Derradeira” de Chico Buarque de Holanda: “Rio de lazeiras, civilização encruzilhada / cada ribanceira é uma nação / a sua maneira com ladrão / lava-laveiras, honra, tradição / fronteiras, munição pesada... Rio do lado sem beira / cidadãos inteiramente loucos / com carradas de razão... São Sebastião crivado nublai minha visão / na noite de grande fogueira desvairada...”

A população favelada tem sido relegada a um segundo plano pelo Poder Público, o que por via indireta “tem contribuído para deslegitimar o Estado e legitimar o poder paralelo do narcotráfico aos olhos de tantos moradores das favelas”<sup>24</sup>. Assim, o “dono do lugar”, para atingir os seus objetivos, investe de maneira filantrópica junto à legião de vassalos. Desse modo, a comunidade - cansada de recorrer ao poder oficial - legitima o poder paralelo de mais uma fatia do submundo, não questionando ou fingindo des-

conhecer a procedência do dinheiro empregado nas benfeitorias ou melhoramentos.

Os narcotraficantes, amados e temidos, recrutam “exércitos” imensos para a venda de drogas cooptando - como resultado da “deterioração do mercado de trabalho” na “chamada urbanização terciária”<sup>25</sup> - até menores ou pessoas de classe média, que buscam nesse tipo de atividade ilegal um meio de sobrevivência. Mais do que isso, os narcotraficantes atuam como um espécie de “Robin Hood” indo de encontro às queixas e reclamações da população carente das favelas. Neste caso, o distanciamento do Poder Público faz com que os favelados sejam propensos a ceder ao primeiro aventureiro poderoso. Em decorrência do exposto e no bojo de tantas artimanhas - incluindo o aliciamento até mesmo de crianças que trabalham como “olheiros”, “aviões” e entregadores de drogas - pode-se perguntar se os narcotraficantes seguem à risca o receituário dos pensadores do Estado, ainda que se observe, ao longo do tempo, que esses estrategistas sejam, em sua esmagadora maioria, egressos das camadas mais humildes da população. No entanto, é interessante assinalar, com o emprego de uma pesquisa do geógrafo Souza<sup>26</sup>, que um diário carioca recentemente informou “citando fontes do Exército e da polícia, que os narcotraficantes estão induzindo jovens favelados a servirem no Exército, para se familiarizarem com armamentos e métodos de organização, e incentivando, através de um ‘crédito educativo’, jovens a eles ligados a cursarem faculdades de Administração de Empresas e Direito, visando, respectivamente, a um maior apoio logístico na ‘gestão dos negócios e maior respaldo jurídico’”.

Nos “territórios dos narcotraficantes” vigora um código de leis a ser respeitado e o comando de um “soberado” ou “guerreiro corajoso” admirado por seu heroísmo. A autoridade e a empatia despertadas por esses “guerreiros urbanos” são

24 SOUZA, mimeo, (1994).

25 SANTOS, M. (1979: 37).

26 SOUZA, mimeo, (1994); citando jornal *O Globo* de 01/07/1994.

manifestadas de maneiras diversas como nas inscrições dos grafiteiros ou mesmo nos dedos das mãos das crianças formando o CV, do Comando Vermelho, um dos braços do narcotráfico. Armado com um sofisticado arsenal de armas, o “poder paralelo” - repetindo o poder do Estado - funda-se no terror. Regula leis, espalha o pânico pelas cercanias e, quando quer, impõe a lei do silêncio.

#### • **CENTRALIDADES METAMORFOSEADAS**

Na grande cidade, como em um jogo circunstancial, o fulgor, o modismo, a conservação, bem como a ruína se embaralham. No caso particular da centralidade existem eixos e áreas centrais que, aproveitando e combinando a reputação de outrora, continuam expondo as marcas do passado ainda que substituindo as suas prerrogativas e funções centrais de outros tempos.

No Rio de Janeiro, a rua do Ouvidor e o (ex-subcentro) Estácio são exemplares significativos de centralidades metamorfoseadas. A rua do Ouvidor, aberta em 1580, foi pioneira (na cidade) em iluminação a gás (1860) e iluminação elétrica (1891). Logradouro de tradições seculares, tornou-se afamado por ser freqüentado por escritores, entre os quais Machado de Assis, pela elite carioca e por pessoas abastadas, que procuravam suas confeitarias, lojas da moda, livrarias e até mesmo (em meio à ordem-desordem) casas de prostituição com polacas e francesas. Por muito tempo, até a inauguração da avenida Central, constituiu-se na principal artéria do Rio de Janeiro, centralizando o carnaval dos ricos, enquanto a folia dos pobres acontecia inicialmente no desaparecido largo de São Domingos, destruído para a construção da avenida Presidente Vargas, em 1944.

Até o início dos anos setenta a rua do Ouvidor conservou um certo apogeu entre as pessoas de poder aquisitivo mais privilegiado, prestígio este transferido para os subcentros e, a seguir,

para os shopping centers. Nos dias de hoje, por ser estreita - guardando as mesmas proporções de outrora - e contando com intenso afluxo de transeuntes, tornou-se passarela exclusiva para pedestres. O trecho inicial da rua do Ouvidor, das proximidades do mar até a rua Primeiro de Março, continua sendo marcado pela arquitetura colonial (com um comércio de tratórias, peixarias, bares e casas lotéricas, além de um grande templo). Entre a rua Primeiro de Março e a avenida Rio Branco, com a presença maciça de arranha-céus, há um prolongamento do centro financeiro, preenchido predominantemente por instituições como bancos, casas de câmbio, crédito pessoal e seguradoras, onde estão alocados alguns dos terrenos mais valorizados (economicamente) do espaço urbano carioca. O espaço que vai da Avenida Rio Branco ao Largo de São Francisco distingue-se por ser um centro comercial, sobretudo de roupas para pessoas de baixa renda<sup>27</sup>.

Um outro tipo de centralidade metamorfoseada diz respeito ao antigo subcentro Estácio, situado entre a periferia da Área Central e os limites da Zona Norte da cidade. Nos anos quarenta e cinquenta o bairro do Estácio - cercado de favelas, ladeiras de casas e prédios e ainda a antiga zona do baixo meretrício - dispunha de um conjunto de lojas configurando seu papel de lugar central. No entanto, nas últimas décadas, a deterioração acentuada de sua paisagem - sobretudo a parte plana - transformou não apenas o leque de suas atrações terciárias, como trouxe em seu rastro uma atividade consumidora de muito espaço: o comércio de móveis residenciais, caracterizando o local como uma área especializada em uma mesma linha de produtos. Como se sabe, a evidência de tal fenômeno representa o processo de coesão, segundo a linha adotada pelos conceitos advindos da célebre Escola de Ecologia Humana de Chicago concernentes às áreas especializadas, que compõem

27 MELLO (1991: 256-258).



“exemplos de atividades dispostas espacialmente de modo coeso”<sup>28</sup>, como se verifica na Rua do Estácio, principal via do mencionado bairro.

### ● CENTRALIDADES ETERNAS

A Igreja da Candelária, na Área Central do Rio de Janeiro, se apresenta como um grande exemplo de centralidade eterna. A idéia não se remete ao seu caráter teológico, mas sim à sua permanência como um símbolo da alma carioca.

A ampla e suntuosa igreja decorre de uma promessa de uma família salva de uma tempestade marítima. A primeira capela (na verdade, uma ermida) foi construída no século XVII. Já a imponente igreja da Candelária da contemporaneidade, de portas de bronze e altar mármore, em mármore carrara, começou a ser erguida em 1775, sendo concluída em 1898. Seu nome foi emprestado à freguesia das cercanias, por muito tempo, e ainda hoje é utilizado pelos frequentadores da área. O monumento religioso em questão resistiu, nos anos quarenta, à devastação imposta pela abertura da avenida Presidente Vargas constituindo-se no único prédio poupado pela tirania do planejamento da citada artéria.

A Igreja da Candelária, situada no meio das diversas pistas da referida via de comunicação, tem sido palco de solenidades religiosas de vulto e assistido a diversos acontecimentos relevantes da vida do país. Nos anos sessenta serviu de refúgio aos integrantes de um protesto estudantil da fúria dos policiais da ditadura militar. Na mesma época, até a metade da década de setenta, em uma das laterais externas do templo os componentes das escolas de samba preparavam-se para o famoso desfile de domingo. Mais tarde, os anos oitenta foram marcados por algumas das maiores manifestações ocorridas no Brasil, em prol das “Diretas Já”, movimento que reivindicava o fim do Estado de exceção e o retorno do voto direto para a eleição do Presidente da República.

A “Candelária” persiste como ponto de concentração para comícios políticos e passeatas além de ser, no dia-a-dia, referencial geográfico para os transeuntes e simbólico para cariocas, brasileiros e mesmo turistas de outros países que visitam a Área Central do Rio de Janeiro.

### OS ESTILHAÇOS DE CENTRALIDADES

O exame das “Centralidades Embrionárias” abre o bloco “Estilhaços de Centralidades”. À primeira vista, este conceito poderia fazer parte do grupo “Explosões de Centralidades”, na medida em que se refere aos lugares que emergem como subcentros (um tipo de centralidade tradicional). Entretanto, como os pontos do Rio de Janeiro focalizados neste subbloco ainda não estão com sua posição consolidada como subcentro, é, na realidade, um processo concernente aos “Estilhaços de Centralidades”. Em seguida são reveladas as “Centralidades Culturais”, as “Centralidades Esportivas” além das “Centralidades Religiosas”, fragmentos e palcos de manifestações profanas e de fé e cunho sagrados.

### ● CENTRALIDADES EMBRIONÁRIAS

O que difere um bairro residencial de um subcentro? Bairros de segmentos de diversos tipos de renda voltados especialmente para a questão da moradia possuem diversos prédios e casas e um tímido comércio no qual são supridos os bens e serviços mais frequentes e que podem ser encontrados em estabelecimentos como padarias, açougues, farmácias, bares ou bancas de jornais ou nos consultórios médicos de clínica geral. Seus comerciantes, como sublinha Corrêa<sup>29</sup>, “são moradores do bairro e conhecidos dos frequentes”. Parte do bairro evolui desse estágio de comércio e serviços incipientes para a condição de subcentro quando dispõe, entre outros fatores, de amenidades e uma ampla acessibilidade, por ser um ponto de concentração ou um eixo

28 CORRÊA(1989: 57).

29 CORRÊA(1989:51).

percorrido por pessoas do próprio bairro e das circunvizinhanças (que formarão a clientela e a área de influência do subcentro emergente). Esta espécie de vitrine coletiva atrai usuários e consumidores que procuram centros que apresentem uma certa gama de bens e serviços.

No Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Realengo e Vila Isabel são alguns dos exemplos mais recentes de centralidades embrionárias. Jacarepaguá, na verdade, é uma reunião de bairros situados na Zona Oeste da cidade. Seu sítio, suas diversas vias que vão ter nos mais diversos recantos da cidade e a mescla de classes sociais contribuem sobejamente para que na chamada "região" da Praça Seca, bem como da Praça da Taquara, ou ainda do Largo da Freguesia, surjam (aqui e ali), cada vez mais, com eficácia, subcentros (embrionários) de bens e serviços. Igualmente, na Zona Oeste da cidade (mas, na sua porção centro-norte) e servido pela Estrada de Ferro Central do Brasil, Realengo a cada momento atinge o patamar de centralidade embrionária por ser dotado de várias agências bancárias que se instalam em seu território, junto de grandes supermercados, churrascarias, lojas de móveis, óticas, sorveterias e estabelecimentos de ensino superior, além dos quartéis do Exército, que se prolongam pelos bairros de Magalhães Bastos e da Vila Militar. Ao lado disso, o antológico bairro de Vila Isabel, formado a partir de fábricas têxteis, no século passado<sup>30</sup>, tornou-se nos últimos tempos, um bairro nitidamente de classe média repleto de edifícios de vários pisos. E, muito embora, beneficiado ou sofrendo a concorrência do bairro e do subcentro da Tijuca, a cada instante Vila Isabel surpreende ao posicionar-se como um subcentro (embrionário), em muito ajudado pela fama proporcionada por sua vida boêmia, seus bares e ruas cantados em versos e prosa pelo cancionista popular. A principal artéria do bairro, o Boulevard Vinte e Oito de Setembro - em cujas calçadas encontram-se gravadas, em pedras portuguesas, algumas das partituras musicais que

exaltam o bairro - é o corredor dinâmico de unidades comerciais e de serviços, o qual derrama, para as ruas transversais, um pouco do seu movimento de centralidade emergente.

## ● CENTRALIDADES CULTURAIS

Os centros culturais proliferam ultimamente no Rio de Janeiro proporcionando aos seus frequentadores um variado cardápio de atrações incluindo peças teatrais, shows, exposições, salas de vídeo, cinema, palestras, lançamentos de livros, bem como outros eventos, cursos e variedades. O mais bem sucedido de todos é o Centro Cultural Banco do Brasil. Mas, merecem menção, citando apenas alguns, a Casa de Cultura Laura Alvim, o Centro Cultural Calouste Goulbenkian, a Casa França Brasil, o Centro Cultural Cândido Mendes, o Espaço Cultural BNDES, o Centro Cultural Light, o Espaço Cultural Correios e o Paço Imperial. São, de um modo geral, centros instalados em prédios recuperados, apresentando conforto, limpeza e segurança. Paralelamente, embora não seja um centro cultural, propriamente dito, o Teatro Municipal, templo da arte erudita, possui características para ser englobado na galeria desta espécie de centralidade.

O Centro Cultural Banco do Brasil, de apurada e intensa programação, é essencialmente um pólo cultural com elementos do Primeiro Mundo (como orgulhosamente procuçam veicular seus diretores e usuários). O mais célebre e completo centro cultural da cidade funciona, desde 1989, em um prédio restaurado do início do século (pertencente a esta instituição financeira) possuindo, além dos citados itens encontrados nestas casas de cultura, um valioso acervo em sua informatizada biblioteca. Afora isso, em razão de sua belíssima arquitetura, o Centro Cultural Banco do Brasil faz parte do roteiro cultural da cidade percorrido por cariocas e turistas.

O Teatro Municipal, por sua vez, é um dos símbolos tradicionais da cidade. Inaugurado em

30 Ver a respeito, entre outros, ABREU(1987).

1909 e cópia do Teatro L'Opera de Paris, seu prédio se distingue na paisagem fazendo parte da aura do carioca. Sua localização - na confluência das avenidas Rio Branco e Treze de Maio, de frente para a praça Floriano, na Cinelândia - contribui como referencial geográfico e coadjuvante nas informações de rua. A pompa arquitetônica do Teatro Municipal - um dos poucos prédios remanescentes da primeira geração de edifícios da avenida Rio Branco - e sua seleta plateia ajudam a mitificá-lo e, por outro lado, afastam outras fatias de público. Entretanto, sua beleza exterior, mesmo para quem nunca adentrou em seu recinto, categoriza e distingue o templo de elite. O Teatro Municipal, como fixo social<sup>31</sup>, é, desta maneira, admirado e selecionado como um ponto de referência. Portanto, para diferentes indivíduos e grupos sociais a parte externa do Teatro Municipal sobrepuja a sua própria destinação como casa de espetáculos<sup>32</sup>. Além disso, deve-se ressaltar que a apresentação de um corpo de balé, de um renomado artista ou de um grande concerto sinfônico extrapola qualquer limite de centralidade.

● **CENTRALIDADES ESPORTIVAS**

A concorrida centralidade despertada pelas diversas modalidades esportivas atrai multidões aos ginásios e estádios que são, por excelência, locais onde se fazem exercícios corporais e arenas de paixões inflamadas. No Rio de Janeiro, o estádio de remo da Lagoa, o Jockey Club e o autódromo de Jacarepaguá são espaços reservados a modalidades esportivas como regatas, turfe e automobilismo; mas o complexo do Maracanã sobressai no conjunto dos templos da prática do desporto.

O complexo do Maracanã - dotado de pista de atletismo, quadra de basquete/volêi, parque aquático e campo de futebol - é um referencial geográfico de simbologia extremamente signifi-

cativa, capaz de substituir a própria denominação da cidade. Isto porque, no Brasil, quando se menciona os cognomes Maracanã e Maracanãzinho surge imediatamente a lembrança da "Cidade Maravilhosa". Estes centros, no entanto, não são dedicados exclusivamente às competições esportivas, pois enquanto "o maior estádio do mundo" tem servido de palco a megashows de artistas internacionais e congressos religiosos, o ginásio tem se prestado a realizações de festivais, formaturas, apresentações circenses, concursos e outros eventos, de modo que, por vezes, as federações esportivas não conseguem agendar a programação concernente às finalidades para as quais o ginásio fora construído. Por outro lado, vale ressaltar que nos centros esportivos a ordem e a desordem convivem nas imposições para se ingressar aos recintos, nos regulamentos dos jogos e dos certames e na delimitação dos territórios das torcidas que procuram identificar os "seus" lugares, junto aos "seus". Ademais, para conduzir o time à vitória, as armas utilizadas pelos torcedores incluem bandeiras, palmas, cantorias, assobios, xingamentos e vaias em um autêntico clima de guerra, como também brigas e agressões, muito frequentes, nos dias de hoje, fazendo parte da violência que grassa nos estádios e ginásios.

● **CENTRALIDADES RELIGIOSAS**

Na tradição judaico-cristã a vida é uma bênção e o lugar sagrado, pois o Senhor, Onipresente, está em todos os lugares. Assim, em uma concepção humanística, o Criador, o templo, o lar e o lugar são sinônimos<sup>33</sup>. Contudo, uma leitura da hierarquia da sacralização dos lugares pode ser realizada com base nas palavras do Senhor dirigidas a Moisés (Êxodo, capítulo 2, versículo 5): "- não te chegues para cá; tira os sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa". Da mesma forma, o ato do sinal da cruz,

31 A respeito dos fixos e fluxos sociais ver SANTOS, M. (1988: 77-79).

32 MELLO (1991: 108-111).

33 MELLO (1991: 199).

em frente à igreja, indica que para os católicos alguns lugares são mais sagrados do que os outros<sup>34</sup>.

Igrejas, templos e terreiros são centros destinados aos cultos religiosos e diferem tanto nos dogmas, profissão de fé e orações quanto no formato estético dos seus prédios.

No Rio de Janeiro a pompa arquitetônica das igrejas católicas faz parte da própria história da cidade. São construções seculares, em estilos diversos, patrocinadas, em grande parte, por comerciantes bem-sucedidos. Integradas à paisagem transformaram-se em verdadeiros patrimônios da arte colonial brasileira (como a igreja e mosteiro de São Bento, um oásis no Centro do Rio de Janeiro) ou cartões-postais (como a igreja de Nossa Senhora da Penha, avistada à longa distância, por estar solitariamente situada no alto de um morro no subúrbio da Penha, na Zona da Leopoldina). Nas últimas décadas, no entanto, a ostentação arquitetônica cedeu ao despojamento. Como amostra desta tendência a Catedral Metropolitana, de formato cônico, - sagrada em 1976, em plena Esplanada de Santo Antônio, local onde até 1954 encontrava-se o morro do mesmo nome - chama atenção por sua simplicidade, lembrando um ginásio esportivo por sua grandiosidade. Já na periferia metropolitana as igrejas de loteamento "são discretas e até difíceis de encontrar", contrastando com "a tradição brasileira de dar-lhes um lugar de destaque e dominância no tecido urbano". Assim escreve Carlos Nelson Ferreira dos Santos em sua tese de doutoramento ao referir-se ao bairro-loteamento-periférico de Santa Catarina, no município de São Gonçalo, integrante do espaço metropolitano do Rio de Janeiro. O autor prossegue a sua análise com o seguinte relato: A igreja "de Santa Catarina fica no final da Av. Imparato, perto do ponto de ônibus. O lugar é muito longe e ex-cêntrico. O impacto é puramente local. O edifi-

cio é pequeno, pouco mais de uma capela, mas estão construindo outro, bem maior, ao lado. Fora isto, há um salão de reuniões onde se reúnem grupos de apostolados e catequese.

Em compensação, pululam os templos protestantes. Há muitos, espalhados, por todos os cantos. São igrejas pentecostais, batistas, congregacionais, evangélicas<sup>35</sup>.

Os templos protestantes são, em sua maioria, modestos, se comparados aos estilos das igrejas católicas. No entanto, o crescimento vertiginoso dos fiéis, sobretudo dos ramos neopentecostais salta aos olhos frente ao surgimento de suas igrejas dispostas nos mais diversos recantos do espaço metropolitano carioca. Mais do que isso, no afã de levar a palavra do Senhor a todos os homens os adeptos das religiões neopentecostais parecem entender que mesmo os "locais de perdição" podem ser lugares e centros sagrados. A Igreja de Nova Vida, por exemplo, ao final dos anos oitenta, instalou na galeria Alaska, em Copacabana, - ponto de encontro de homossexuais, prostitutas, bêbados, toxicômanos e detentora de afamadas casas de diversão - um templo onde anteriormente havia um cinema dedicado a artes pornográficas<sup>36</sup>. Do mesmo modo, espaços esportivos, casas de espetáculos ou a própria rua costumam ser convertidos em centros de evangelização e orações dos protestantes.

Quanto aos centros espíritas, terreiros de macumba e barracões de candomblé a característica dominante é o aproveitamento de casas residenciais - por vezes utilizando-se apenas algumas de suas dependências - para sessões de mediunidade, batuques e cerimônias fetichistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço urbano está permeado pelo sentido da centralidade, conseqüência dos sentimentos, das relações econômicas, do seu espraiamento, de sua

34 MELLO (1991: 53).

35 SANTOS, Carlos N. Ferreira dos (1984: 244).

36 MELLO (1991: 53).

extrema fragmentação, da cultura e da transitoriedade de certos fenômenos, bem como das rupturas, da deterioração e das reminiscências. À primeira vista o universo de centralidades abordado neste texto pode parecer exagerado e metodologicamente ambíguo ao trabalhar com os princípios do humanismo em geografia, bem como com conceitos, filosofias e teorias de diversas perspectivas. No entanto, a lacuna da centralidade, um conceito extremamente geográfico, permanece por ser preenchida.

## RESUMO

*Nesta pesquisa procura-se apresentar um conjunto de centralidades consagradas nos estudos geográficos, afora outros tipos de centralidades que ocorrem no trivial geográfico, ou de maneira inusitada ou ainda simbolicamente eternizadas na memória sob a perspectiva dos indivíduos e grupos sociais na cidade do Rio de Janeiro. O mosaico definitivo de centralidades ostenta como perfis o eixo denominado "As explosões de Centralidades", de um lado; e de outro "Os Estilhaços de Centralidades".*

## PALAVRAS-CHAVE

*humanismo; centralidades; espaço urbano.*

## ABSTRACT

*We intend to present in this research a "centralidades" assembly established in the geographic studies, apart from others types of "centralidades" that happen in the trivial geographic in a unusual way or symbolically eternized in the memory under a perspective of the individual or social groups in the city of Rio de Janeiro. The definitive mosaic of "centralidades" shows as characteristic, by one side the axis "The centralidades explosions" and by the other side "The centralidades fragments".*

## KEYWORDS

*humanismus; "centralidades"; urban space.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN/Zahar, 1987; 147p.
- ARRUDA, Lilian. A face ressentida de um herói nacional. *O Globo*. Revista da Tevé, 20.11.94, p.10-11.
- BUTTIMER, Anne. Geography, humanism, and global concern. *Annals of the Association of American Geographers*. 80 (1): 1-33, 1990.
- CARDOSO, Elizabeth Dezouart. *O capital imobiliário e a expansão da malha urbana no Rio de Janeiro: Copacabana e Grajaú*. Tese de Mestrado. UFRJ, 1986.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989, 93p.
- DUARTE, Alufzio Capdeville et alii. *A área central do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967; 158p.
- DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro - descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 36 (1): 53-98, 1974.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992, 349p.
- MATTOS, Rogério Botelho e RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. *Territórios da prostituição nos espaços públicos da Área Central do Rio de Janeiro* (mimeo).
- MELLO, João Baptista Ferreira de. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma Introdução à Geografia Humanística*. Dissertação de Mestrado.- UFRJ, 1991; 301p.
- \_\_\_\_\_. (1993). A Humanização da Natureza: Uma Odisséia para a (Re)conquista do Paraíso. In: SILVA, Solange Tietzmann (org.). *Geografia e Questão Ambiental*. Rio de Janeiro, 1993; pgs. 30-40.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Travessia da Crise (Tendências atuais na geografia). *Revista Brasileira de Geografia*. IBGE, 50 (nº especial t. 2): 127-150, 1988.
- SANTOS, Carlos Néilson Ferreira dos. *Formações metropolitanas no Brasil - mecanismos estruturantes*. Tese de doutoramento, FAU/USP, 1984.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1988, 111p.

SANTOS, Milton. A pobreza urbana no Terceiro Mundo: marginalidade ou bipolarização? In: SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988; 124p.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre "ordem" e "desordem"*. Mimeo, 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980; 228p.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983; 250p.

\_\_\_\_\_. *The good life*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986; 191p.

